

CONCEPÇÕES RELIGIOSAS EM BLAISE PASCAL

Fidel Jaime Jorge*

Resumo: Diferente da atmosfera filosófica francesa do século XVIII protagonizada por Descartes, que concebia a razão como fundamento único das verdades claras e distintas, sendo que o próprio Deus só pode ser provado a priori pelo intelecto, Pascal defende claramente a autonomia e a autoridade da fé em matéria de religião.

Porém, Blaise Pascal não se detém num simples discurso sobre Deus, mas procura senti-lo misticamente mediante a fé, sempre opondo o deus dos filósofos ao Deus dos humildes, demonstrando que a razão humana, porque limitada, deve submeter-se aos mistérios da fé cristã.

A condição humana é deplorável e miserável, por isso mesmo, deve procurar com a mais profunda sinceridade do coração, por um Deus que seja capaz de consolá-lo, um Deus de amor infinito, e este Deus só pode ser o Deus da religião cristã, cuja manifestação material é o Senhor Jesus Cristo.

Palavras-chave: *Religião, Fé, Razão, Pascal, Deus.*

ABSTRAT: Unlike the eighteenth-century French philosophical atmosphere of Descartes, who conceived reason as the sole foundation of clear and distinct truths, since God himself can only be proven a priori by the intellect, Pascal clearly defends the autonomy and authority of faith in matter of religion.

However, Blaise Pascal does not dwell on a simple discourse on God, but tries to feel it mystically through faith, always opposing the god of philosophers to the God of the humble, demonstrating that human reason, because limited, must submit to the mysteries of faith.

The human condition is deplorable and miserable, for this reasons, it should seek with the deepest sincerity of heart, by a God who is able to comfort him, a God of infinite love, and this God can only be the God of the Christian religion, whose material manifestation is the Lord Jesus Christ.

Keywords: *Religion, Faith, Reason, Pascal, God.*

Introdução

O presente artigo científico intitulado “Concepções Religiosas em Blaise Pascal”, enquadra-se no âmbito da Filosofia da Religião, e pretende ser um contributo académico com o escopo, sempre reiterado, de compreender as ideias dos grandes filósofos e, das suas abordagens sobre os temas dos quais reflectimos hoje.

* Mestrando em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto (2017).

No contexto em que Pascal viveu, a religião era alvo de muitas críticas, pois, a Europa estava eufórica pelas novas concepções socioculturais, político-econômicas, filosófico-científicas alcançadas no século XV pelo Renascimento Humanista e, solidificadas pelo racionalismo cartesiano do séc. XVII.

Neste período a que fazemos referência, a fé cristã foi destronada e relegada à um plano paliativo da realidade humana, e os filósofos procuravam fundamentar a existência de Deus, do ponto vista científico e filosófico, recorrendo à própria natureza como o “livro sagrado” que desvendava os seus mistérios, conseqüentemente, a prece cedeu lugar à observação, a fé ao raciocínio, a teologia à matemática e à física; outros filósofos identificavam Deus como a própria natureza. O Deus provedor foi substituído pelo deus impessoal, que criou o mundo, por emanção ou transcendência, porém, alienou-se das criaturas (deísmo).

Que posição toma Pascal nessa atmosfera?

Quais são os fundamentos da religião em Pascal?

Quais são os limites entre a fé e a razão segundo Pascal?

A relevância deste artigo cinge-se no facto de, pretender apresentar uma posição contrastante ao contexto acima referido. E curiosamente, tal abordagem é conseguida por um filósofo cujo interesse principal de pesquisa é a ciência e não a teologia. A apologia que faz da fé cristã assemelha-se muito daquelas feitas pelos padres da igreja, para salvaguardar a autonomia e a autoridade dos dogmas e mistérios de cristo.

Nosso objectivo geral é, pois, conduzir o leitor dentro de esferas progressivamente concêntricas das concepções religiosas de Pascal, a fim de que possa ter uma cosmovisão do problema em questão; nossos objectivos específicos são:

1. Conhecer telegraficamente a vida do autor;
2. Distinguir a fé da razão e seus âmbitos;
3. Identificar o lugar de Deus no sistema de Pascal;
4. Saber o porquê que ele defende o cristianismo como a única religião verdadeira.

Mediante uma pesquisa qualitativa, fundamentalmente, recorrendo a bibliografias disponíveis, fazendo análises e diversas reflexões sobre o assunto, procuramos dentro destes métodos alcançar nosso fim.

Tratamos de fazer uma abordagem progressiva, separando o nosso estudo por temas que nos ajudem a compreender o pensamento do nosso autor sequencialmente. Primeiro, 1. A Vida E Obra, perceber que aspectos da sua vida foram fundamentais para o seu pensamento; 2. Crítica Ao Racionalismo Cartesiano; 3. Grandeza E Miséria Humana; 4. Fé e Razão em Pascal; 5. A Defesa Da Religião Cristã Como A Única Verdadeira; 6. A Figura de Jesus: Provas Da Sua Existência; 7. Outras Provas; 8. O Que é Mais Vantajoso: Crer ou não Crer na Religião Cristã? finalmente, a Conclusão e Bibliografia.

Julgamos oportuno precisar também, que a obra de Pascal da qual nos embasamos para pesquisar o tema em questão é “Pensamentos”. Servimo-nos dela principalmente, pois, é nesta obra que ele discute o problema da religião, sendo as outras obras do autor de um pendor mais científico.

1. Vida e Obra de Pascal

Julgamos conveniente ter em conta alguns aspectos cruciais da vida do nosso filósofo, para percebermos a influência que esta teve sobre os seus pensamentos. Pois, sabemos que o texto fora do contexto perde, do ponto de vista hermenêutico, o seu sentido.

Blaise pascal nasceu em França, na localidade de Clermont aos 19 de Junho de 1623. Seu pai, Ettiénne Pascal era comerciante e sua mãe, Antoinette Begon, dona de casa. Infelizmente, aos 3 anos de idade, Pascal torna-se órfão de mãe, e a sua educação ficou exclusivamente a cargo paternal, que aliás, fê-lo com o maior zelo e dedicação.

Desde tenra idade, revela grande capacidade intelectual, tal como nos conta Gilberte Périer, sua irmã:

Tão logo meu irmão alcançou a idade da razão, deu sinais de extraordinária inteligência, seja com pequenas respostas sobre a natureza das coisas que surpreendiam a todos. E essa aurora de belas esperanças nunca foi desmentida. Com efeito, com o passar dos anos, crescia nele a força do raciocínio, de forma que era muito superior à

capacidade de sua idade. (Périer, Apud Reale e Antiseri, 2007, p.596)

O pendor excepcional pelas matemáticas era tão notório que chegou a descobrir sozinho, os fundamentos da geometria euclidiana. Aos 16 anos de idade escreveu um tratado com uma profundidade tal, que se dizia não haver outro, depois de Arquimedes. Aos 18 anos de idade inventou uma máquina de calcular. Aos 23 anos, era já uma personalidade respeitável, no que a ciência diz respeito, descobrindo várias leis sobre a densidade do ar, o equilíbrio dos líquidos, o triângulo aritmético, o cálculo das probabilidades, a prensa hidráulica, etc. (Pascal, 2002)

Os biógrafos de Pascal costumam a referir-se a dois períodos da sua vida que marcam etapas importantes da sua consciência religiosa, designadamente: a primeira e a segunda conversões. A primeira acontece num período em que Pascal é acometido por várias doenças, inclusive uma cefaleia, ocorrida depois da morte de seu pai em 1651.

Aconselhado pelos médicos a renunciar as actividades intelectuais e a distrair-se mais, Pascal começou a viver uma vida mundana, viajando e frequentado os salões da Madame de Sablé, em companhia de amigos como o cavalheiro Meré, o duque de Roannez e Damien Mitton, com quem frequentava a alta sociedade.

Segundo a sua irmã Gilberte citada por Reale e Antiseri (2007), esse foi o tempo mais mal aplicado de sua vida, pois, vivia num clima mundano tão diferente daquele clima do evangelho. Aos 30 decidiu “abandonar o mundo”, por influência de sua irmã Jacqueline que era devota e que constantemente o aconselhava a voltar-se para Deus.

A segunda conversão realizou-se em 1654, quando na noite de 23 de Novembro daquele ano, foi atingido por profunda iluminação religiosa, que o levou a escrever o famoso Memorial, que manteve costurado em sua roupa durante toda a sua vida, sendo apenas retirada por seu empregado pouco depois da sua morte. Eis aqui alguns versos deste famoso poema que espelha, resumidamente a “religiosidade pascalina”:

(...) Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó / E não dos filósofos e dos sábios.
 Certeza, certeza / Sentimento, alegria, paz.
 Deus de Jesus Cristo / Deum meum et Deum vestrum.
 “O teu Deus será o meu Deus.” / Esquecimento do mundo e de tudo, à exceção de Deus.
 Que só se encontra pelos caminhos mostrados pelo Evangelho.
 Grandeza da alma humana / “Pai justo, o mundo não te conheceu, Mas eu te conheci.” (...) / “Deus meu, me abandonarias?”
 Que eu nunca me separe de dele, / Eternamente.
 “Esta é a vida eterna: / Que te reconheçam como o único Deus verdadeiro
 E aquele que enviaste, Jesus Cristo.”
 Jesus Cristo.
 Jesus Cristo.
 (...) / Completa submissão a Jesus Cristo e ao meu diretor.
 A alegria eterna por um dia de prova sobre a terra.
 Non obliviscar sermones tuos. Amen. (Reale e Antiseri, p.p. 600- 601)

Das suas obras, se destacam: *Cartas Provinciais* (1657); *Pensamentos* (1670).

2. Contra O Racionalismo Cartesiano

Renés Descartes (1596-1650) fundador do racionalismo moderno, chega a existência de Deus de forma dedutiva e necessária como a única via para explicar a presença de ideias inatas no intelecto humano, mormente as ideias geométricas, a ideia de infinito e de perfeição, que não podem ser fruto da experiência particular, nem podem ser imaginações do sujeito, tendo em conta a clareza e a distinção de que são formadas.

Para Descartes, se o homem é finito e imperfeito, a ideia de infinitude e de perfeição foram impregnadas por Deus em seu espírito. Esse Deus, portanto não deve ser apenas uma ideia, mas deve existir igualmente, sendo ele a perfeição. Assim, o Deus de Descartes é apenas um engenheiro criador do mundo e responsável pelas ideias inatas, nada mais. (Reale e Antiseri, 2007).

Porém, Pascal criticando a filosofia de Descartes tece o seguinte comentário:

Descartes é “inútil” e “incerto”: incerto: porque a sua filosofia, verdadeiro romance da natureza, semelhante à história de Dom Quixote, não se baseia em factos, mas em alguns princípios inventados por ele e, portanto, suspeitos. Inútil: porque, ao invés de nos conduzir à única coisa necessária, perde-se em vãs especulações. (Reale e Antiseri, p. 622)

Pascal não rejeita a razão, a sua grande indignação contra Descartes está ligada ao facto de que, Descartes absolutiza-a como a única fonte para o conhecimento do próprio Deus, sendo Deus confinado nos limites da simples razão humana. Por isso, replica pascal:

A última tentativa da razão é reconhecer que há infinidade de coisas que a ultrapassam. (...). É preciso saber duvidar onde é preciso, afirmar onde é preciso, e submeter-se onde é preciso. Quem não faz assim, não entende a força da razão. Há os que pecam contra esses três princípios, ou afirmando tudo como demonstrativo, não precisando ser conhecido por demonstrações; ou duvidando de tudo, não precisando saber onde é necessário submeter-se; ou submetendo-se a tudo, não precisando saber onde é necessário julgar. (Pascal, 2002, p. 49)

3. Grandeza E Miséria Da Condição Humana

Pascal é bastante dilatário e repetitivo nas suas abordagens, mas percebe-se na sua obra, a especial atenção que dedica ao problema antropológico. Todavia, uma diferença visível nele em relação a Descartes e outros filósofos é que, ele trata as questões antropológicas como ponte para demonstrar o poder infinito de Deus, ao contrário de Descartes e outros filósofos que postulam Deus simplesmente para fundamentarem seus sistemas metafísicos e racionalistas, usando Deus apenas como mera bengala para manterem o equilíbrio dos seus sistemas.

Em sua análise, o que distingue o homem dos outros animais é o pensamento. O homem foi feito para pensar e, nisso reside a sua dignidade, a sua função e a sua grandeza. “Não é do espaço que devo indagar a minha dignidade, mas da regulação do meu pensamento. (...). Pelo espaço o universo me compreende e me engole como um ponto; pelo pensamento, eu o compreendo. (Pascal, p. 219)

Pascal demonstra que o homem é uma das criaturas mais fracas que existe na natureza, tão frágil que não é necessário que o universo se arme para o destruir, uma simples gota de água seria capaz de o fazer. Mas é o único que está consciente desta fragilidade, é o único que está consciente do seu ser e da sua morte. Portanto, a grandeza do homem consiste em reconhecer a sua miséria, ou pelo contrário, a sua miséria consiste na sua grandeza.

Nunca estamos contentes com a vida que temos em nosso próprio ser. Queremos viver uma vida imaginária no conceito dos outros e por isso nos esforçamos por aparecer. Estudamos constantemente como embelezar e conservar o nosso ser imaginário e esquecemos do verdadeiro.

Na perspectiva de pascal, somos tão presunçosos que gostaríamos de ser conhecidos de toda a terra, como também pelos que viverão quando não existirmos mais; e somos tão vaidosos que a estima de cinco ou seis pessoas que nos circundam já basta para nos alegrar e deixar contentes. A vaidade está arraigada no coração do homem: um soldado, um servente, um cozinheiro ou um varredor, anseia, por admiradores; os próprios filósofos também os querem; e os que escrevem contra a glória querem ter a gloria de ter escrito bem; e os que lêem querem ter a glória de tê-los lidos; e talvez até eu, que escrevo estas coisas, também a queira; e talvez os que me lerem. Não só a vaidade mas também o orgulho toma naturalmente posse de nós. Estamos até dispostos a perder a vida com alegria, desde que se fale disso. (Pascal, 2002). A causa destas vaidades é, no fundo o amor-próprio, dotado de extraordinário narcismo.

É, entretanto, importante precisar que a miséria de que Pascal se refere é a miséria ontológica, ou seja, existencial, tal como diz resumidamente: “a alma é lançada ao corpo para fazer uma estadia de pouca duração” (Ibidem, p. 247)

O homem é nada em relação ao infinito, é tudo em relação ao nada, algo intermediário entre o nada e o tudo. Infinitamente distante de poder abraçar os extremos, o principio e o fim das coisas lhe estão irremediavelmente ocultos em impenetrável segredo, pois ele é igualmente incapaz de ver o nada do qual foi extraído e do infinito pelo qual foi engolido.

Diante deste realismo trágico, em que o homem navega em vasto mar, sempre incerto e instável, atirado de um lado para outro, não consegue compreender, sozinho e por suas próprias forças, a sua condição.

Assim, para esquecer a sua condição, o homem recorre ao divertimento. O *divertissement* é fuga diante da visão lúcida e consciente da miséria humana. É perturbação.

Os homens estão cheios de ocupações e tarefas desde manhã. E se têm algum tempo livre, são aconselhados a entregarem-se aos prazeres e aos divertimentos, empenhando-se sempre completamente nisso. Esta entrega às

diversões está ligada ao medo de estarem a sós consigo mesmos, de olhar para dentro de si. Eles têm medo de sua própria miséria. Esta fuga no impede de olhar para dentro de nós mesmos e de tomar consciência do nosso estado de indigência essencial, impedindo-nos assim de buscar e trilhar o único caminho em condições de nos levar para fora do beco sem saída da nossa miséria. A diversão diverte, desviando-nos do recto caminho.

Se o homem lança-se à confusão e deixa-se perturbar, renuncia precisamente à sua dignidade, além de renunciar às verdades às quais só o pensamento pode nos levar. E o pensamento nos conduz à verdade essencial de que o homem é constitutivamente indigente e mísero. A única via para o homem livrar-se desta condição é entregando para Deus, mediante a pessoa do Senhor Jesus Cristo.

4. Fé e Razão em Pascal

A razão é impotente diante das verdades éticas e religiosas, porquanto é limitada, pois não consegue transcender a realidade natural e física para compreender dimensões metafísicas, não pode provar a existência de Deus. Por isso, ele afirma que:

As provas metafísicas de Deus estão distantes do modo comum de pensar dos homens e são tão confusas que se mostram pouco eficazes. E, mesmo que fossem adequadas para alguns, serviriam só para o breve momento em que têm a demonstração diante dos olhos, pois uma hora depois já temem ter-se enganado. Pascal, afirma que “rir-se da filosofia significa filosofar verdadeiramente”. Portanto, é o coração que sente Deus. E isto é fé: Deus sensível ao coração e não à razão. O coração tem razões que a própria razão desconhece. A fé é um dom de Deus. (Pascal, 2002, p. 155)

De facto, a leitura de Pascal é complexa, tendo em conta que ele parece não escrever com bastante sistematicidade e linearidade. Apesar de ser racionalista no que a ciência diz respeito, e de considerar a razão como importante auxílio às verdades religiosas, paradoxalmente, em alguns textos reporta-se à ela com bastante hostilidade. Mas percebe-se, apesar de tudo, que a sua vida foi marcada por muitas metamorfoses que pesaram muito nas suas abordagens.

A verdade é que, fica claro desde já, que em Pascal a fé supera infinitamente a razão, assim como Deus ao homem. Segundo pascal, é graças à fé que conhecemos Deus, e conheceremos à Sua natureza no estado de glória. Todas

as tentativas de provar filosoficamente a existência de Deus são inconcebíveis. A razão é a faculdade apropriada para as ciências, de tal modo que a fé o é para a religião.

5. A Defesa Da Religião Cristã Como A Única Verdadeira

Convém pois notar, que Pascal é apologista da fé cristã, afirmando mesmo que a única religião verdadeira é a cristã e a única forma de conhecermos a Deus é por intermédio de Jesus Cristo, não existe outro caminho, sendo o próprio Jesus o único caminho.

Existem alguns pressupostos que devem ser satisfeitos para que uma determinada religião seja verdadeira, e apenas o cristianismo as satisfaz. Embora Pascal não aborde de uma forma sistemática, aqui neste artigo tentaremos fazê-lo, sempre tendo em conta uma leitura fidedigna do nosso autor.

1° Obrigar a amar a Deus (no sentido de mandamento);

2° Ter o conhecimento da concupiscência humana e a sua impotência de alcançar por si só, a virtude;

3° Indicar os remédios para que o homem saia da sua condição de miséria, sendo a prece um dos caminhos;

4° A verdadeira natureza do homem, o seu verdadeiro bem e a verdadeira religião são coisas cujo conhecimento é inseparável.

5° Toda a religião que não diz que Deus está oculto não é verdadeira; e toda a religião que a isso não faz referência não é instrutiva.

A religião cristã é aquela que tem todas essas marcas. Essa religião consiste em crer que o homem desceu de um estado de glória e de comunicação com Deus a um estado de tristeza, de penitência e de afastamento de Deus, mas que, depois desta vida, seremos restabelecidos por um Messias que deve vir. Esta religião sempre existiu sobre a terra.

Os egípcios estavam infectados de idolatria e de magia; o próprio povo de Deus era influenciado por seus exemplos. No entanto, Moises e outros acreditavam naquele que não viam e O adoravam olhando para os dons naturais que ele lhes preparava.

Os gregos e os latinos, em seguida, fizeram reinar as falsas divindades; os poetas fizeram cem diversas teologias: os filósofos se separaram em mil seitas diferentes: no entanto, havia sempre no coração da Judeia homens escolhidos que presidiam à vinda do Messias que só por eles era conhecido.

Ele veio, enfim, na consumação dos tempos: e, desde então, viram-se nascer tantos cismas e heresias, tantos desmoronamentos de Estados, tantas mudanças em todas as coisas (...). E o que é admirável, incomparável e inteiramente divino, é que essa religião que sempre durou foi sempre combatida. Mil vezes esteve na eminência de uma destruição universal; e todas as vezes que se achou nesse estado, Deus tornou a levantá-la com golpes extraordinários de potência. É assombroso que assim seja e que ela se mantenha sem dobrar-se e curvar-se sob a vontade dos tiranos. (Pascal, 2002, p. 32)

Segundo Pascal essas são as marcas da verdadeira religião. Jesus Cristo é, pois, a prova da existência de Deus. E as evidências de que Ele terá existido são inequívocas. Aliás, Pascal empenha-se muito em apresentar bastante argumentos que procuram defender a figura histórica e divina de Jesus Cristo.

6. A Figura De Jesus Cristo: Provas Da Sua Existência

Já percebemos no famoso Memorial da segunda conversão de Pascal, que seu coração é cheio de amor à Jesus Cristo, a sua devoção ao Deus Cristão é sentida em cada verso deste memorial. Como dissemos, Jesus é a prova da existência de Deus e o fundamento da religião verdadeira, é pois, importante apresentar aqui neste artigo, alguns argumentos de Pascal sobre a pessoa de Jesus Cristo, aliás, cujo mistério é profundamente grande: foi homem e Deus ao mesmo tempo.

Para provar a existência e a figura de Cristo, diga-se de partida que ele recorre unicamente as sagradas escrituras. A forma simples como Jesus viveu desperta a atenção de Pascal e isso é visível no segundo texto:

De 33 anos, ele viveu 30 sem aparecer. Em 3 anos, passa por um impostor; os sacerdotes e os principais de sua nação o rejeitam; os seus amigos e os seus mais próximos o desprezam. Enfim, morre (de uma morte vergonhosa), traído por um dos seus, renegado pelo outro e abandonado por todos. Que parte tem ele, pois, nesse esplendor? Nunca homem algum teve tanto esplendor, nunca homem algum teve tanta ignomínia. Todo esse esplendor só serviu para nós, para no-lo tornar reconhecível. E não houve nada para ele. (Pascal, p. 91)

E continua ainda Pascal dizendo que a igreja teve tanto trabalho para provar que Jesus Cristo era homem, para os que o negavam, como em mostrar que era Deus.

Os dois testamentos observam Jesus Cristo, o antigo como sua espera, o Novo como seu modelo, ambos como seu centro.

Segundo Blaise Pascal, a maior prova da existência de Jesus Cristo são as profecias. Não queremos aqui fazer uma descrição das diversas profecias, nem uma profunda exegese do antigo testamento para justificar a afirmação precedente. Mas preciso notar que, Pascal é profundo conhecedor das sagradas escrituras e, observa que, o povo hebreu prediz a vinda do Messias há 400 anos atrás.

Os judeus matando Jesus Cristo para não recebê-lo como o Messias, lhe deram a última marca de Messias. E continuando a desconhecê-lo, tornaram-se seus testemunhos irrecusáveis; e matando-o e continuando a renega-lo, realizaram as profecias.

Eis aqui, algumas bases bíblicas de que Pascal se serve para provar a existência de que Jesus Cristo era o Messias predito pelos hebreus:

Que ele nascerá na cidade de Belém (Miqueias, 5:2); sairá da família de Judá (Gênesis 49:8...), e de Davi (II Reis, 7:12..., Isaías, 7:13); e aparecerá principalmente em Jerusalém (Malaquias, 5:1 e Ageu, 2:10).

Deve cegar os sábios e os doutos (Isaías 6:10); (...); abrir os olhos dos cegos e dar saúde aos enfermos (Isaías, 25:5.6), e que ressuscitaria ao terceiro dia (Salmos, 15:10, Oséias, 6:3). (Pascal, p. 102)

Jesus Cristo cumpriu tudo isso. Cristo vem dizer aos homens que, eles não têm outros inimigos senão eles mesmos; que são as suas paixões que os separam de Deus; que ele vem para destruí-las e para dar-lhes sua graça, a fim de fazer de todos uma igreja santa.

7. Outras Provas

Aqui, Pascal apresenta uma perspectiva mais racional, procura apresentar uma prova descentrada do ponto de vista bíblico. Tendo em conta a brevidade do nosso artigo, pretendemos fazer menção de um argumento bastante convincente em que ele diz:

Os apóstolos foram enganados ou enganadores. Um ou outro é difícil. Com efeito, não é possível pegar um homem para ser ressuscitado; e a hipótese dos apóstolos trapaceiros é bem absurda. Seguimo-la até ao fim; imaginemos esses doze homens reunidos depois da morte de Jesus Cristo, fazendo a conspiração de dizer que ele ressuscitou. Eles acatam com isso todas as potencias. O coração dos homens é estranhamente inclinado à leviandade, à mudança, às promessas, aos bens. Por pouco que um deles fosse desmentido por esses todos atrativos e, o que é mais, pelas prisões, pela tortura e pela morte, eles estavam perdidos. (...)

Enquanto Jesus Cristo estava com eles podia sustenta-los. Mas, depois disso, se não apareceu, quem os fez agir? (Pascal, p. 107)

Deixamos em aberta a questão para a discussão dos leitores. Outro assunto interessante é que Pascal refere-se ao maometismo nesses termos:

A religião maometana tem por fundamento o alcorão e Maomé. Mas, esse profeta que devia ser a última esperança do mundo, foi predito? E que marca tem ele que não tenha também outro homem que queira dizer-se profeta? Que milagre disse ele próprio ter feito? Que mistério ensinou? Segundo a sua própria tradição, que moral e que felicidade? (Pascal, p. 111)

Ele continua a sua crítica ao maometismo dizendo que Maomé não fez milagres, é sem autoridade e, mostrando razões persuasivas para justificar que é uma religião não digna de crença, a única digna é o cristianismo, pois, tem todas as marcas de uma verdadeira religião. Diz ainda que o alcorão reconhece que São Mateus era um homem bom, ora se era um homem bom, o que ele narra de Jesus é verdadeiro e portanto, o maometismo é falso, ou o alcorão chama de bons a homens falsos, o que também prova que não é uma religião verdadeira. Mas ele continua mostrando que de uma forma ou de outra é sempre melhor acreditarmos na religião cristã, teremos sempre mais vantagens ao fazê-lo.

8. O Que é Mais Vantajoso: Crer ou não Crer na Religião Cristã?

Pascal mostra profunda admiração pelas pessoas que são indiferentes a existência de Deus. Repara ele na complexa actitude de algumas pessoas que preocupam-se com as coisas mais banais do quotidiano e ignoram a existência de Deus. E ele aconselha claramente aos homens dizendo que sejam homens de bem, se não poderem ser cristãos e reconheçam, finalmente, que só há duas espécies de pessoas que podem ser chamadas de razoáveis: ou os que servem Deus de todo o coração porque o conhecem, ou os que o procuram de todo o coração porque não o conhecem.

Pascal diz que mais vale acreditar em Deus e cumprir os seus mandamentos, pois, se for verdade que haverá uma vida eterna, não nos arrependemos de O haver crido e seguido; em contrapartida, se não existir paraíso, não nos arrependemos de O haver crido e seguido, pois, vivemos fazendo o bem, com comportamentos dignos e desejáveis, porque o decálogo é

um código de conduta que torna o homem melhor e possibilita uma melhor convivência entre as pessoas.

Ora de uma forma ou de outra, é sempre mais vantajoso crer.

Conclusão

Não é difícil entender que Pascal é defensor do cristianismo, as premissas da sua argumentação nos constroem a chegar a tal conclusão.

O que nos parece interessante em Pascal, é o facto de que, ele entende que o problema da religião deve ser abordado paralelamente à questão antropológica. É tarefa da religião dar a resposta aos problemas existências do homem, para definitivamente resolver a miséria, originada da sua queda. Procede à uma filosofia existencialista e procura entender a posição do homem no universo, mas não o concebe apenas na sua condição de miserabilidade, também exalta sua grandeza, que reside fundamentalmente no pensamento. Todavia, este pensamento garante, dentre outras coisas, o autoconhecimento da sua condição existencial de finitude, de instabilidade e falibilidade. Muitas vezes, para esquecer-se e anestesiar-se deste choque existencial, recorre à diversão e a indiferença. Porém, o caminho correto é apelar ao poder sobrenatural de Deus, para preencher o vazio.

Pascal tem outro mérito, além, de ter frisado e realçado a ligação necessária entre o estudo da verdadeira natureza humana e a verdadeira religião, é precisamente a separação e a delimitação da fé e da razão como duas esferas diferentes. O que não fica muito claro é que, Pascal tende às vezes, a separa-las radicalmente, ao mesmo tempo que afirma a importância do diálogo que devem ambas manter.

Pensamos ter exposto o substancial para compreendermos algumas concepções religiosas de Pascal, nos marcos bastante restritos que a nossa pesquisa nos impõe.

Porém fica claro, que segundo Pascal, só há três espécies de pessoas: umas que servem a Deus, tendo-o encontrado; outras, que se empenham em procura-lo, não o tendo encontrado; e outras, que vivem sem procura-lo, nem o ter encontrado. As primeiras são razoáveis e felizes; as últimas são loucas e infelizes; as do meio são infelizes e razoáveis.

Acreditamos que noutras ocasiões, teremos oportunidades de fazer estudos mais aprofundados e prolongados sobre este autor que é, sem dúvida, um dos melhores pensadores da franceses do seu tempo.

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, Martins Fontes, São Paulo, 2007;

PASCAL, Blaise, *Pensamentos*, www.ngarcia.org, (Fonte digital), 2002;

REALE, Geovanni; Antiseri, Dario, *História da Filosofia (Do Humanismo a Kant)*; Vol. 2, 8ª Edição, Paulinas Editoras, São Paulo, 2007;

ZILLES, Urbano, *Crer e Compreender*, Edipucrs, Porto Alegre, 2004